



Observatório das PME Europeias 2002

PME em foco

*Principais resultados do
Observatório das PME Europeias 2002*



Observatório das PME Europeias 2002

PME em foco

Principais resultados do Observatório das PME Europeias 2002

Esta brochura apresenta os principais resultados dos relatórios publicados em 2002 no âmbito da rede do Observatório das PME Europeias 2002 e submetidos à Direcção-Geral Empresa da Comissão Europeia pela:

KPMG Special Services e EIM Business & Policy Research na Holanda

em cooperação com:

European Network for SME Research (ENSR) e Intomart

Para a obtenção de mais informação sobre a presente série de relatórios da rede do Observatório das PME Europeias 2002, consulte o *site* na Internet da DG Empresa no endereço <http://europa.eu.int/comm/enterprise>.

Os relatórios abrangem os 18 países do Espaço Económico Europeu (UE-15 mais Islândia, Listenstaine e Noruega) e a Suíça, cuja inclusão ocorre sob a responsabilidade financeira do governo suíço. Conjuntamente, estes países são designados por Europa-19.

Esta brochura foi elaborada por Jacqueline Snijders e Rob van der Horst da EIM Business & Policy Research, o parceiro holandês da ENSR.

A brochura não expressa a posição oficial da Comissão; nem a Comissão ou os consultores aceitam a responsabilidade legal pelas consequências de acções decorrentes da utilização de informação contida neste documento.

Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias

ISBN 92-894-4882-2

© Comunidades Europeias, 2002. Reprodução autorizada mediante indicação da fonte.

Impresso na Bélgica

Prefácio



O 7º Observatório, de que este relatório constitui uma síntese, é composto por nove relatórios (incluindo este) que versam sobre temas e questões políticas de relevo. Desenvolver o Observatório enquanto conjunto de relatórios permitiu uma abordagem melhor direccionada para as questões que afectam as PME, o que contribuiu para o aumento da visibilidade e da relevância política deste instrumento.

Espero que considere “As PME em Foco”, bem como os restantes relatórios do Observatório, interessantes fontes de informação e contributos de valor para o debate europeu sobre as PME.

Erkki Liikanen

Por Erkki Liikanen

Comissário Europeu responsável pelas direcções-gerais “Empresa” e “Sociedade da Informação”

As empresas são o elemento central da estratégia definida pelo Conselho Europeu de Lisboa, em Março de 2000. Atingir o objectivo estratégico de tornar a UE na economia baseada no conhecimento mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos e com maior coesão social irá depender, em última instância, do sucesso das empresas e, particularmente, das PME.

Um instrumento-chave para o estudo das questões relevantes para as pequenas e médias empresas na Europa é o Observatório das PME Europeias. Actualmente na sua sétima edição, o Observatório tem contribuído activamente para o debate europeu sobre as PME, sobre o papel que estas desempenham na economia e sobre as políticas a elas dirigidas. Ao longo destes anos, o Observatório das PME Europeias tem vindo a consolidar-se como um instrumento de grande valor para a análise da situação actual das PME. O Observatório constitui, actualmente, uma referência para investigadores, economistas e decisores políticos, bem como para as próprias PME.

Introdução

Os relatórios do Observatório das PME Europeias 2002 fornecem uma visão geral da situação actual das PME na Europa através da apresentação de indicadores relevantes. Adicionalmente, os relatórios do Observatório cobrem uma série de assuntos temáticos. Esta brochura apresenta os principais resultados dos relatórios publicados em 2002 no âmbito da rede do Observatório e submetidos à Direcção-Geral Empresa da Comissão Europeia.

Nesta brochura, os destaques encontram-se agrupados em dois temas de âmbito geral:

- PME: os verdadeiros gigantes da economia europeia
- PME: os motores da competitividade e dois temas de carácter específico:
- Encargos administrativos
- Responsabilidade social das empresas

Em cada secção é feita referência (exemplo *Fonte: 1*) ao respectivo relatório do Observatório que fornece a informação relevante sobre o assunto. A numeração corresponde à que se encontra na Documentação de Base apresentada na última página desta brochura.

Quadro 1: Principais indicadores sobre as PME e as grandes empresas na EUROPA-19, 2000

| | | PME | Grandes empresas | Total |
|---|-----------|--------|------------------|---------|
| Número de empresas | (1 000) | 20 415 | 40 | 20 455 |
| Emprego | (1 000) | 80 790 | 40 960 | 121 750 |
| Trabalhadores por empresa | | 4 | 1 020 | 6 |
| Volume de negócios por empresa | milhões € | 0.6 | 255.0 | 1.1 |
| Peso das exportações no volume de negócios | % | 13 | 21 | 17 |
| Valor acrescentado por trabalhador | € 000 € | 65 | 115 | 80 |
| Peso dos custos com o pessoal no valor acrescentado | | 63 | 49 | 56 |

Fonte: Valores estimados pela EIM Business & Policy Research com base na Eurostat's SME Database, na European Economy, Supplement A, Junho de 2001 e no OECD Economic Outlook, N.º. 69, Junho de 2001.

PME: os verdadeiros gigantes da economia europeia

93% das empresas europeias têm menos de 10 trabalhadores

No Espaço Económico Europeu (EEE) e na Suíça, 20,5 milhões de empresas empregam 122 milhões de indivíduos. Cerca de 93% destas empresas são microempresas (0-9 trabalhadores), 6% são pequenas empresas (10-49), menos de 1% são empresas de média dimensão (50-249) e apenas 0,2% são grandes empresas (250+). Da totalidade destas empresas, aproximadamente 20 milhões encontram-se no espaço da União Europeia.

Dois terços do emprego total¹ encontra-se nas PME, sendo que um terço é assegurado por

empresas de grande dimensão. No seio das PME, o emprego total encontra-se repartido de forma aproximadamente igual entre microempresas (com menos de 10 trabalhadores) e pequenas e médias empresas. A distribuição do emprego por classe dimensional difere, contudo, entre países. Por exemplo, o peso das microempresas no emprego total é de 48% na Itália e de cerca de 57% na Grécia. Por outro lado, o peso das grandes empresas no emprego total é superior a 45% na Islândia e no Reino Unido.

(Fonte: 2)

A empresa média europeia emprega 6 trabalhadores

Em média, uma empresa na Europa – mesmo considerando todos os gigantes europeus como a Royal Shell, a Siemens, a Nokia ou a PSA Peugeot Citroen – emprega 6 trabalhadores; a média apenas para as PME é de 4 trabalhadores. Contudo, este indicador apresenta uma variação compreendida entre os 2 trabalhadores nas microempresas e mais de 1 000 nas grandes empresas. Entre países registam-se, igualmente, diferenças significativas. Em média, uma empresa

¹ Nas empresas privadas, excluindo o sector primário.

apresenta 2 trabalhadores na Grécia e 3 na Itália e no Listenstaine, contra 10 na Irlanda, no Luxemburgo e na Holanda.

A maioria dos postos de trabalho na Europa é criada por microempresas

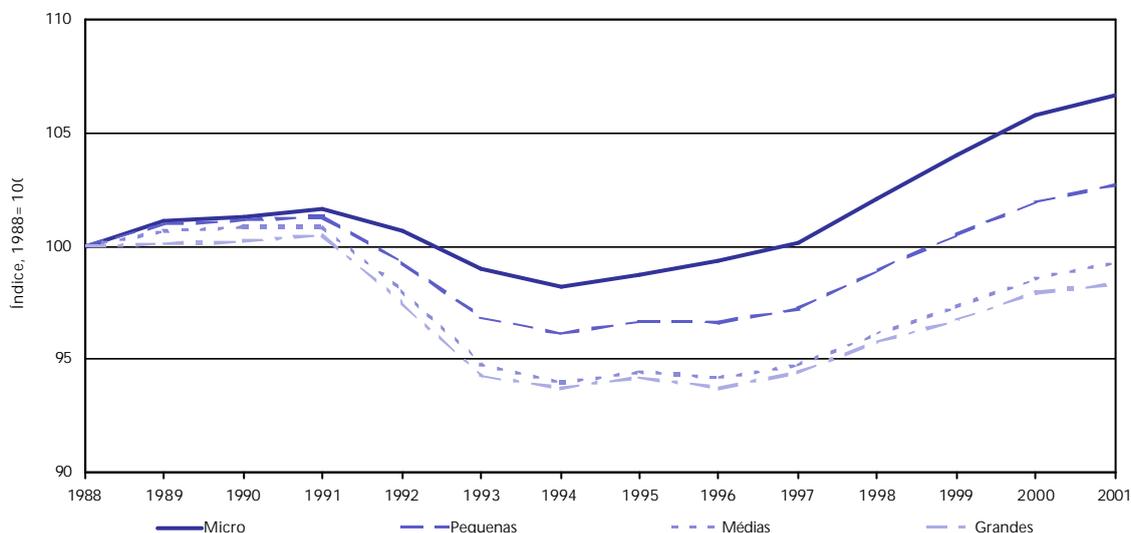
Em termos gerais, no período entre 1988 e 2001, registou-se uma diminuição do volume de emprego nas grandes empresas, contrabalançada por um aumento do emprego nas PME. Como pode ser visto no Gráfico 1, nos primeiros anos este crescimento concentrou-se nas micro e pequenas empresas, enquanto que as empresas de média

dimensão e as grandes empresas apenas registaram um crescimento no emprego a partir de 1997. Em 2001, o crescimento do emprego abrandou. As estimativas actuais apontam para que tal se tenha registado, quer nas PME quer nas grandes empresas, embora o abrandamento tenha sido mais pronunciado nas empresas de grande dimensão.

Ao longo dos anos, a maioria dos postos de trabalho na Europa foi criada por microempresas, enquanto que nas grandes empresas se registou uma diminuição do emprego.

(Fonte: 2)

Gráfico 1: Crescimento do emprego por classe dimensional, EUROPA-19, 1988-2001



Fonte: Valores estimados pela EIM Business & Policy Research com base na Eurostat's SME Database, na European Economy, Supplement A, Junho de 2001 e no OECD Economic Outlook, N.º 65, Junho de 2001.

As empresas europeias são mais pequenas do que as dos EUA e do Japão

Com uma dimensão média de 6 pessoas, as empresas europeias são relativamente pequenas: uma empresa média japonesa emprega 10 pessoas e uma empresa média americana 19. Consequentemente, as PME representam apenas 33% do emprego no Japão e 46% nos EUA, enquanto que, na Europa-19, representam 66% do emprego total.

No seio da Europa, as diferenças em termos de dimensão das empresas entre países encontram-se relacionadas com questões estruturais, institucionais e históricas. De facto, em países com um elevado PIB *per capita*, como a Alemanha,

Luxemburgo e Holanda, a dimensão média das empresas tende a ser mais elevada, enquanto que em países com um PIB *per capita* relativamente baixo (ex: Grécia, Portugal, Espanha), essa dimensão tende a ser menor. Contudo, as diferenças relativas ao PIB *per capita* não explicam por completo as diferenças registadas entre a Europa-19, o Japão e os EUA. Pelo contrário, as diferenças na estrutura económica – como a existência de um vasto mercado interno no qual a diversidade social e cultural é menos acentuada do que na Europa – reflectem melhor essas discrepâncias. Além disso, os mercados europeus parecem estar mais fragmentados do que o norte-americano e o japonês. Por outro lado, existem mais barreiras aos processos de fusão e aquisição na Europa, uma vez que, em muitos países, as

empresas têm mecanismos de protecção contra *take-overs* hostis.

(Fonte: 2)

Quadro 2: Estrutura das empresas privadas, excluindo o sector primário, nos países candidatos, 1999

| | | PME | Grandes empresas | Total |
|-------------------------------------|---------|--------|------------------|--------|
| Empresas | (1 000) | 5 795 | 10 | 5 805 |
| Emprego total | (1 000) | 21 075 | 8 210 | 29 290 |
| Número de trabalhadores por empresa | | 4 | 837 | 5 |

Fonte: Valores estimados pela EIM Business & Policy Research com base em várias fontes nacionais e internacionais.

Um terço das PME procura crescer

O ENSR Survey² revelou que apenas pouco mais de metade das PME tem objectivos ambiciosos: ambicionam crescer (29%), aumentar os lucros (9%), inovar (7%) e aumentar a qualidade (7%).

As restantes empresas preocupam-se em lutar pela sua sobrevivência (20%) ou esperam consolidar o seu negócio (21%).

Fazendo uma análise por classe dimensional, constatase que mais microempresas estão preocupadas com a sua sobrevivência e que mais empresas de grande dimensão se preocupam com estratégias de crescimento. As diferenças entre países são também notórias. Na Itália, Grécia, Irlanda e Reino Unido uma percentagem relativamente significativa de PME (34%-41%) ambiciona crescer, enquanto que na Áustria, Finlândia e Alemanha isto é apenas verdade para cerca de 15% das PME.

(Fonte: 1)

As PME desempenham também um papel essencial nos países candidatos

O alargamento que ocorrerá nos próximos anos representa um importante desenvolvimento político e económico na Europa. No âmbito do Observatório foram feitas estimativas do número de empresas e do emprego, por sector e por classe dimensional, para os 13 países candidatos³. Estima-se, assim, que nestes 13 países se encontram em actividade cerca de 6 milhões de empresas, fornecendo emprego a cerca de 30 milhões de indivíduos. A semelhança do que acontece na

2 No projecto do Observatório foram realizados dois inquéritos telefónicos junto de aproximadamente 8 000 PME, nos 19 países e em todos os sectores de actividade: o denominado ENSR Survey. Os resultados deste inquérito estão incluídos nos relatórios do Observatório 'Destacados do Inquérito 2001' (Fonte 1) e 'Destacados do Inquérito 2002' (Fonte 8). Ver a última página.

3 Os 13 países candidatos são: Bulgária, Chipre, República Checa, Estónia, Hungria, Letónia, Lituânia, Malta, Polónia, Roménia, Eslováquia, Eslovénia e Turquia.

EUROPA-19, a maioria destas empresas são microempresas. Em termos médios, verifica-se que o emprego tende a concentrar-se nas empresas de menor dimensão: as PME representam 72% do emprego total nos países candidatos, sendo que esse valor é de 66% na Europa-19. A principal diferença neste domínio prende-se com as microempresas, as quais são responsáveis por 40% do emprego nos países candidatos e por apenas 34% do emprego na Europa-19.

(Fonte: 2)

A empresa média é menor nos países candidatos

Também os indicadores gerais (ex: número de trabalhadores por empresa) apontam para a existência de um sector empresarial que tem, em média, uma dimensão mais reduzida nos países candidatos do que na Europa-19.

Existem grandes diferenças na dimensão média das empresas entre os vários países candidatos. Nos Países da Europa Central e Oriental (PECO) – especialmente nos países do Báltico – a dimensão média das empresas é bastante superior à média dos países candidatos e da UE. O grupo dos três países mediterrânicos candidatos, Chipre, Malta e Turquia, que não foram no passado economias planificadas, revelam bastantes semelhanças com os países do sul da Europa (Grécia, Itália, Espanha e Portugal), já que ambos os grupos são caracterizados por uma forte presença de microempresas.

(Fonte: 2)

O novo empresário tem, em média, 35 anos

Os processos de criação de empresas e as hipóteses de sobrevivência após a fase de arranque dependem fortemente do perfil do empreendedor. A idade média dos novos empreendedores é de 35 anos; isto mostra que a decisão de criar uma empresa é normalmente tomada vários anos após a conclusão dos estudos e a aquisição de alguma

experiência como trabalhador por conta de outrem e/ou como gestor. Os empreendedores do sector dos serviços (especialmente dos serviços às empresas e de alta tecnologia) têm maiores níveis de escolaridade do que os da indústria; um nível mais baixo de escolaridade predomina ainda nos sectores da construção, transportes e hotelaria e restauração. Em geral, os novos empreendedores mantêm a actividade que tinham antes de criar a sua própria empresa.

(Fonte: 5)

Empreendedores com maiores níveis de escolaridade recorrem mais a serviços de apoio

Todos os Estados Membros têm vindo a desenvolver medidas de estímulo ao empreendedorismo. Estas medidas são muito diversas e consistem, por um lado, na concessão de empréstimos e de subsídios e, por outro, na oferta de serviços de apoio – tais como consultoria técnica, jurídica e de gestão e a criação de centros de informação para *start-ups* –, na disponibilização de formação para os novos empreendedores potenciais e também de estudos de mercado.

Tirando algumas situações específicas (fundamentalmente relacionadas com actividades altamente tecnológicas ou com o comércio tradicional), os dados revelam que os subsídios são ainda relevantes para as *start-ups* como fonte de financiamento externa. Os serviços de apoio são geralmente considerados como tendo um efeito positivo na criação de empresas. Contudo, o recurso a estes serviços é, entre outras coisas, condicionado pelas habilitações do empresário: quanto maior o nível de escolaridade do novo empreendedor, maior é a utilização que ele faz desses serviços de apoio.

(Fonte: 5)

Uma em cada cinco PME é dirigida por uma mulher

Mais de 29% dos empreendedores são mulheres. As suas empresas desenvolvem a sua actividade fundamentalmente no comércio a retalho e nos serviços às empresas e pessoais (24%-29%),

enquanto que apenas uma em cada dez empresas do sector dos transportes e comunicações tem uma mulher como proprietária.

Existem grandes diferenças entre os vários países. Em França, Luxemburgo, Holanda, Bélgica, Finlândia e Suíça mais de um quarto dos empreendedores são do sexo feminino, enquanto que na Grécia, Áustria, Reino Unido e Dinamarca o número de empreendedoras é bastante mais baixo (14%-16%). Existem algumas indicações que as empreendedoras estão ligeiramente mais empenhadas no crescimento da empresa do que os empreendedores.

(Fonte: 1)

A maioria das PME obtém os empréstimos bancários de que necessita

Um bom relacionamento com a banca é muito importante para as PME. A maioria das PME (65%) está satisfeita com os serviços prestados pelo seu banco sendo que, em geral, estas empresas não mudam muitas vezes de banco; nos últimos 3 anos apenas 12% o fizeram. Os principais motivos que estão na origem da mudança de banco são: oferta de condições mais favoráveis e de melhores serviços por parte do novo banco.

De entre as PME que necessitaram de recorrer a crédito bancário nos últimos três anos, a quase totalidade (84%) obteve esse crédito. Perto de 40% das PME não teve necessidade de recorrer a crédito bancário nos últimos três anos. Cerca de 12% das PME afirmaram não ter obtido o crédito de que necessitavam; a banca recusou a concessão de crédito às PME pelas seguintes razões:

- A empresa não teve capacidade para apresentar as garantias necessárias; isto é particularmente notório no caso das micro e pequenas empresas (23%);
- O desempenho da empresa ficou aquém do exigido pelo banco (7%);
- A informação prestada pela empresa foi considerada insuficiente pelo banco (5%).

(Fonte: 8)

PME: os motores da competitividade

Maior concorrência induz a maior número de contactos internacionais

Qual o papel das PME no comércio internacional? Em termos gerais, quanto menor a dimensão da empresa, menor é o âmbito territorial do seu mercado e menor a probabilidade de a empresa se envolver em processos de exportação. As PME da Europa-19 exportam apenas 13% da sua produção (medida em termos de valor), enquanto que as grandes empresas realizam 21% das suas vendas no exterior. Contudo, não podemos esquecer que as PME também fornecem bens e serviços a grandes empresas (exportadoras), o que significa que as suas exportações indirectas são relevantes.

Devido ao processo de integração europeia, a concorrência aumentou, não só no mercado

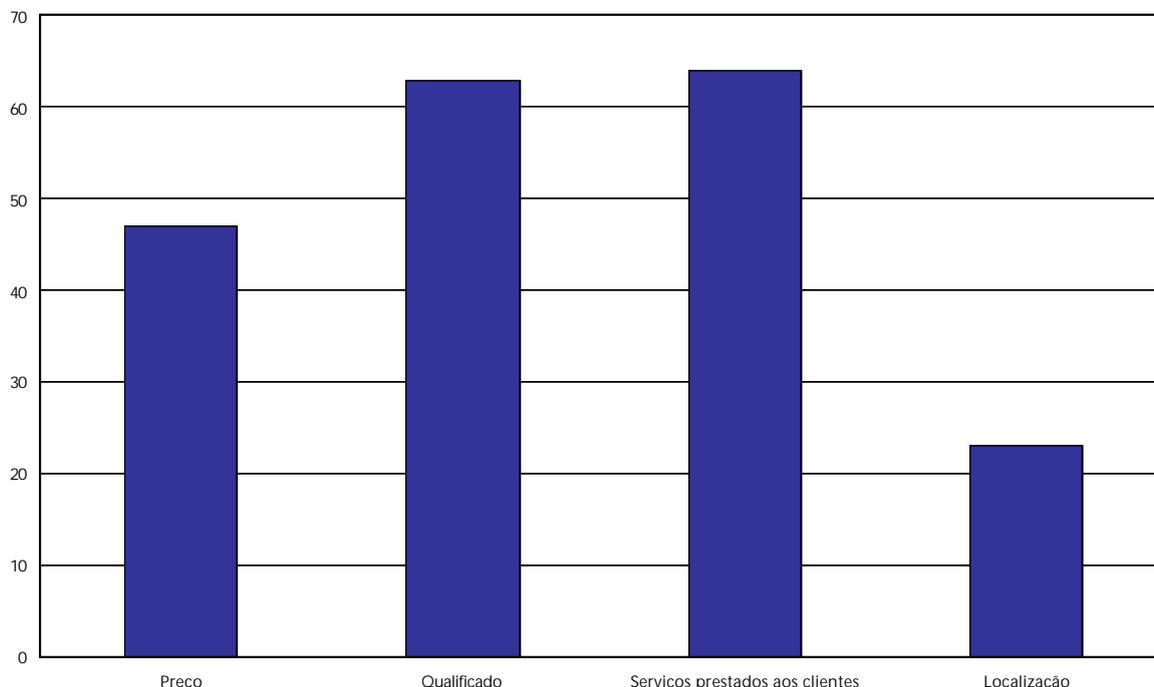
internacional, mas também nos mercados nacionais. No período 1995-2000, metade das PME foram confrontadas com um aumento da concorrência por parte de outras empresas nacionais e cerca de 22% com um aumento da concorrência por parte de empresas estrangeiras. Apenas um número muito reduzido de PME entende que se registou uma diminuição da concorrência neste período (por parte das empresas nacionais 5%, por parte das empresas estrangeiras 2%).

Em consequência deste aumento da concorrência, cerca de um terço das PME aumentou o número de contactos internacionais ao longo deste período, percentagem que oscila entre os 30% para as microempresas e os 50% para as empresas de média dimensão.

Quando comparados com os valores de 1999, o aumento do número de contactos internacionais foi particularmente significativo em Espanha, Grécia, Reino Unido, Listenstaine e Holanda.

(Fonte: 1)

Gráfico 2: Factores em que as PME consideram ser competitivas



Fonte: ENSR Survey on SMEs, 2001.

Serviços ao cliente e qualidade são os principais factores de competitividade

A maioria das PME considera que os seus principais factores de competitividade se prendem com os serviços prestados aos clientes e com a qualidade dos seus produtos e serviços; ver Gráfico 2. O preço é indicado como o terceiro factor de competitividade mais importante.

(Fonte: 1)

A escassez de trabalho qualificado é o principal constrangimento das PME

De acordo com as PME da Europa-19, os quatro principais constrangimentos que se colocam à actividade deste tipo de empresas são:

1. Escassez de trabalho qualificado: 20%
2. Acesso ao financiamento: 13%
3. Regulamentação administrativa: 12%
4. Infra-estruturas: 6%

Comparativamente a 1999, constata-se que um maior número de PME revela, agora, maiores dificuldades no recrutamento de pessoal. A percentagem de PME que revelam ter dificuldades no acesso ao financiamento e com a regulamentação administrativa permaneceu a mesma. Será, contudo, importante, referir que o número de PME que considera ter tido constrangimentos relacionados com infra-estruturas aumentou.

(Fonte: 8)

As PME contribuem de forma significativa para a competitividade da Europa

As PME altamente tecnológicas estão a criar e a implementar inovações tecnológicas, contribuindo, conseqüentemente, para a melhoria das condições de vida, do emprego, da produtividade e da competitividade. As PME altamente tecnológicas apresentam um elevado potencial em termos de criação de emprego e de aumento do rendimento. Contudo, a Europa ainda fica muito aquém dos EUA no que respeita ao ritmo de crescimento das PME altamente tecnológicas.

Ainda que sem uma grande representatividade em termos de número de empresas e de emprego, as PME altamente tecnológicas geram importantes efeitos indutores no resto da economia. Em 2000, cerca de 750 000 PME europeias exerceram a sua actividade em sectores de ponta, empregando aproximadamente 5 milhões de trabalhadores, i.e., 4% do emprego total. A maioria destas empresas (45%) desenvolve a sua actividade num sector

específico, designadamente actividades informáticas e conexas.

(Fonte: 6)

As relações pessoais são factor de sucesso na ligação universidade-empresa

Os centros de conhecimento, incluindo as universidades, constituem importantes pólos de conhecimento. Contudo, a sua relevância como fonte de *know-how* para as empresas altamente tecnológicas de menor dimensão é muito limitada. As razões que explicam a fraca ligação universidade-empresa prendem-se com incompatibilidades de ambos os lados; divergência de objectivos, cultura, etc.. Além disso, muitas vezes as empresas de menor dimensão não possuem os recursos técnicos e financeiros que lhes permitam desenvolver processos de cooperação com as universidades. As relações pessoais são frequentemente factores de sucesso na ligação universidade-empresa. O Observatório revela ainda que os parques de ciência actuam como importantes facilitadores e impulsionadores do estabelecimento de relações de colaboração entre empresas e centros de conhecimento.

(Fonte: 6)

O estabelecimento de redes é indispensável para a inovação

Para além da importância da cooperação com os centros de conhecimento, o estabelecimento de redes, num sentido lato, revela-se quase um requisito para a implementação de projectos de inovação e para a obtenção de informação de *know-how* por parte das PME altamente tecnológicas. A existência de redes possibilita a partilha de conhecimento, de custos e de risco contribuindo, assim, para o sucesso das empresas. O funcionamento em rede é bastante frequente entre as empresas altamente tecnológicas na Europa, ainda que se encontre fundamentalmente orientado para o cliente e para o fornecedor. As empresas inovadoras de menor dimensão não são muito entusiastas da cooperação, pois receiam perder autonomia.

Podem ser identificadas algumas barreiras ao estabelecimento de redes por parte de empresas altamente tecnológicas de menor dimensão:

- As empresas de menor dimensão, por oposição às de maior dimensão, têm frequentemente uma visão de curto prazo e esperam obter resultados rápidos e objectivos. O estabelecimento de redes é, em geral, um processo moroso, sendo que os

resultados não são visíveis no imediato. No sentido de minimizar o esforço, os processos de co-operação são simplificados e desenvolvidos com um número reduzido de parceiros.

- É difícil encontrar o equilíbrio entre confidencialidade (esconder informação) e partilha de conhecimento e de informação, a qual é essencial para o sucesso da rede.
- As autoridades públicas tentam estimular a cooperação e o funcionamento em rede entre PME e grandes empresas, bem como entre aquelas e os centros de conhecimento. Um dos instrumentos usados para o efeito são os clusters regionais. No âmbito do Observatório, foram estudados e comparados 34 clusters regionais de toda a Europa.

(Fontes: 3 e 6)

As PME altamente tecnológicas têm dificuldade em encontrar fontes de financiamento

O acesso ao financiamento não é muito fácil para as empresas altamente tecnológicas. Estas empresas possuem um conjunto de características que dificultam o seu acesso ao financiamento: projectos de elevado risco, longos períodos de desenvolvimento de produtos e serviços e posse de activos intangíveis, em vez de activos tangíveis. As categorias de PME altamente tecnológicas que mais problemas enfrentam na obtenção de financiamento são as seguintes:

- PME de países com uma cultura de crédito bancário;
- PME com projectos que combinam novas tecnologias e novos mercados;
- PME com projectos de inovação muito complexos e que acarretam um elevado risco.

Como seria de esperar, os problemas de financiamento fazem-se sentir especialmente nas fases de arranque e nos primeiros anos de vida das empresas.

Tendo em conta estas características, torna-se fácil perceber que o crédito/financiamento bancário estão pouco adequados a estas empresas, sendo que as participações privadas no capital social e o capital de risco constituem melhores opções de financiamento. Contudo, depois de uns anos de forte crescimento nos investimentos em capital de risco na Europa, 2001 marcou um ano de viragem, com uma redução do capital de risco, principalmente nos sectores de alta tecnologia. Além disso, as empresas de capital de risco parecem relutantes em investir na fase de

arranque, para além de que as necessidades de capital das empresas altamente tecnológicas de muito reduzida dimensão são normalmente consideradas demasiado pequenas pelas empresas de capital de risco. Consequentemente, o capital de risco constitui apenas uma opção para uma pequena elite de empresas.

(Fonte: 6)

O número de PME com acesso à Internet aumentou a um ritmo muito forte

As PME utilizam as diferentes TIC:

- Telefones móveis: 83%
- Internet: 74%
- Correio electrónico/Transferência electrónica de dados: 71%
- Computadores sem ligações em rede: 69%
- Computadores ligados em rede: 52%
- Página da empresa na Internet: 43%
- Máquinas de pagamento automático: 34%

Em 2002, 74% das PME tinham acesso à Internet. Este valor pode parecer bastante reduzido, mas tem subjacente um padrão dimensional muito objectivo: microempresas 73%, pequenas empresas 88% e empresas de média dimensão 97%. O acesso à Internet aumentou consideravelmente desde 1999 e as diferenças entre sectores diminuíram. As diferenças entre países também se atenuaram desde 1999. Vários países estão a aproximar-se rapidamente daqueles com melhores desempenhos neste domínio. Um crescimento particularmente importante entre 2001 e 2002 foi registado na Dinamarca. O desempenho da Grécia, que passa de uma posição nos últimos lugares da tabela, em 1999, para o sétimo lugar em 2002, bem acima da média (83%), é impressionante. Portugal e França mantêm-se nos últimos lugares (com 43% e 45%, respectivamente).

(Fonte: 8)

Uma em cada quatro PME utiliza a Internet para obter informação do domínio da administração pública

As empresas têm que comunicar regularmente com as autoridades públicas, sendo que as TIC podem facilitar estas comunicações. Isto é particularmente relevante no que respeita à utilização da transferência electrónica de dados (EDI) com essas autoridades.

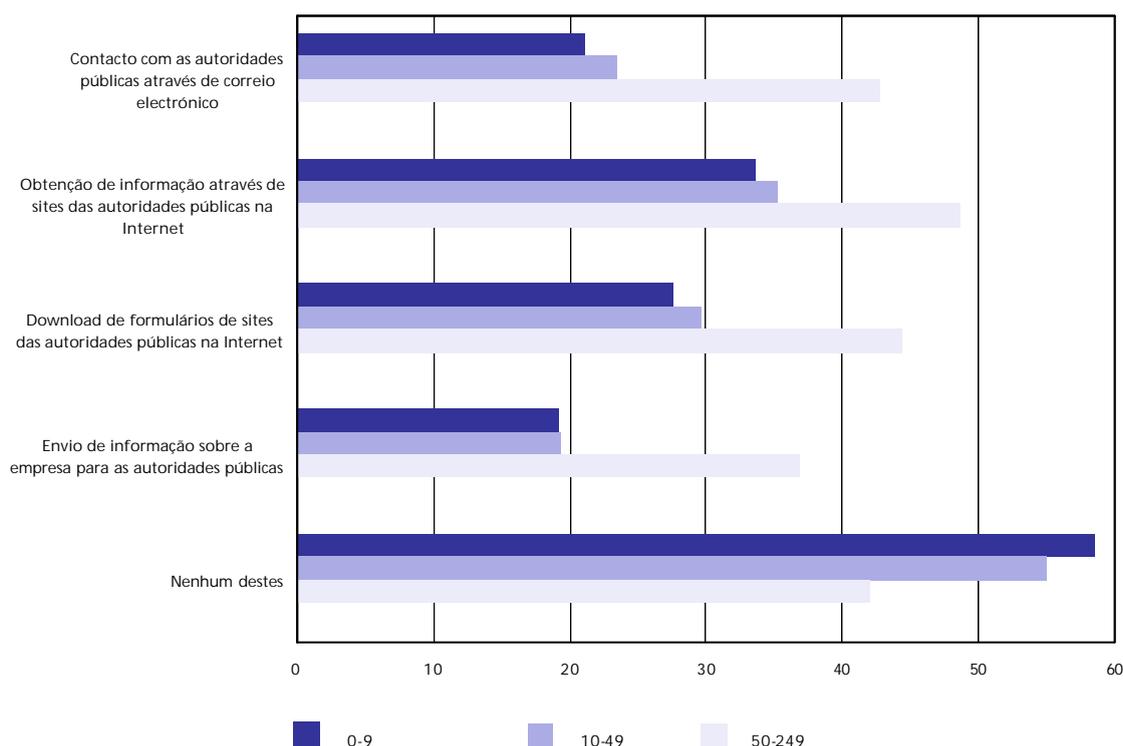
No Gráfico 3, encontram-se representadas quatro formas específicas de EDI com as autoridades públicas: correio electrónico, obtenção de

informação a partir de *sites* na Internet, *download* de formulários de *sites* na Internet e envio de informação das empresas para as autoridades públicas. Estas formas de EDI ainda não estão generalizadas no que respeita à comunicação com as autoridades públicas. De entre as empresas que têm capacidade para usar o EDI na comunicação

com as autoridades públicas (i.e. 74% das PME), 20%-40% utilizam-no. As empresas de média dimensão destacam-se claramente das micro e pequenas empresas no que respeita ao uso do EDI.

(Fonte: 8)

Gráfico 3: Percentagem de PME utilizadoras de diferentes meios de transferência electrónica de dados com as autoridades públicas, por classe dimensional da empresa (PME com ligação à Internet e/ou com e-mail)



Fonte: Dados ponderados do 2002 ENSR Survey on SMEs.

Encargos administrativos

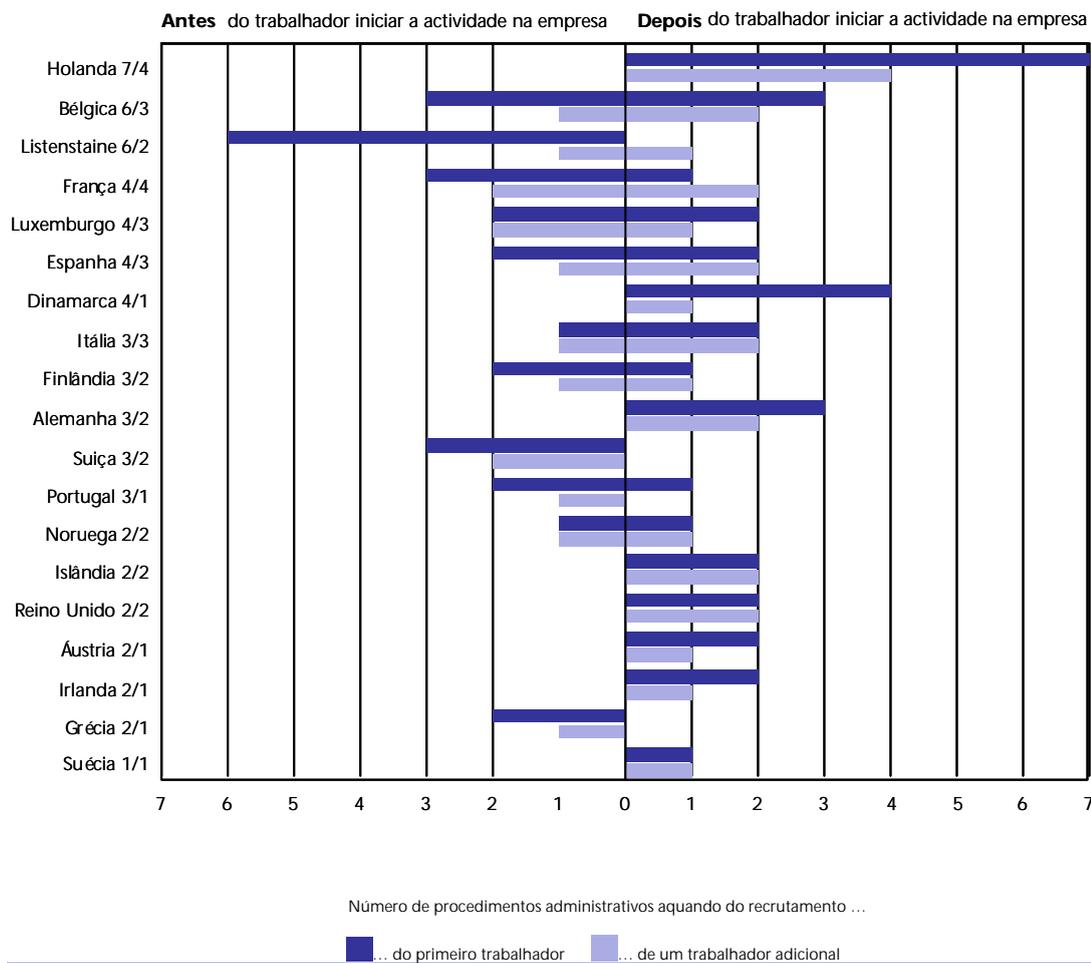
A burocracia aumentou nos processos de recrutamento

No âmbito do Observatório, foi feito um estudo sobre os encargos administrativos inerentes ao recrutamento de pessoal suportados pelas PME. Apesar de todas as acções levadas a cabo pelos Estados Membros na sequência da Cimeira do Emprego do Luxemburgo, em 1997, praticamente dois terços das PME da Europa-19 afirmaram que

os encargos administrativos desta natureza aumentaram. Estes encargos afectam substancialmente as decisões de recrutamento de 31% dos mais de 20 milhões de empresas da Europa-19.

Os encargos administrativos não resultam tanto da quantidade e da natureza dos procedimentos administrativos obrigatórios no que respeita a "preenchimento de formulários", fornecimento de informação solicitada e contactos com as autoridades públicas, mas do trabalho preparatório, da recolha de informação e da complexidade e densidade da (totalidade) da legislação do trabalho.

Gráfico 4: Número de procedimentos administrativos inerentes ao processo de recrutamento do primeiro trabalhador e de trabalhadores adicionais



Os estudos revelam que os encargos administrativos não poderão ser reduzidos de forma significativa se se tiver em conta apenas uma ou um pequeno número das áreas regulamentadas. Libertar as PME de encargos administrativos exige uma abordagem holística. O estabelecimento de patamares na regulamentação do emprego é um instrumento de bastante utilidade em termos da redução dos encargos administrativos que recaem sobre as empresas de menor dimensão.

Por outro lado, os resultados do estudo tornam claro que a percepção que as PME têm dos encargos administrativos depende, em larga medida, da familiaridade do empresário com a regulamentação existente e das suas características pessoais, tais como o nível de escolaridade e experiência profissional.

(Fonte: 7)

Responsabilidade social das empresas - RSE

Metade das PME estão envolvidas em actividades sociais de dimensão externa

As PME não só desempenham um importante papel em termos de criação de emprego e de desenvolvimento económico, mas também em termos sociais e ambientais. O Observatório contém informação relevante e apresenta alguns pontos de vista das próprias PME, que se julgam relevantes para o actual debate sobre Responsabilidade Social das Empresas levado a cabo na UE. Metade das PME europeias estão envolvidas, ainda que de forma distinta, em causas socialmente responsáveis de dimensão externa. Quanto maior a dimensão da empresa, maior o seu envolvimento na RSE: variando entre 48% nas microempresas e 65% nas pequenas empresas e 70% nas empresas de média dimensão. O seu envolvimento não depende, em regra, do sector em que a PME desenvolve a sua actividade.

(Fonte: 4)

A maioria das actividades socialmente responsáveis tem um carácter ocasional e não está ligada à estratégia da empresa

O apoio a actividades de carácter desportivo, cultural e social é o tipo mais frequente de actividade externa desenvolvida pelas PME na sua ligação com a comunidade em que se inserem. Em quase todos os países, o apoio a actividades desportivas é a prática socialmente responsável preferida das PME, qualquer que seja a sua classe dimensional. Actividades de carácter ambiental não directamente relacionadas com a actividade da empresa são muito menos frequentes.

A maioria das actividades socialmente responsáveis das PME tem um carácter ocasional e não está ligada à estratégia da empresa. Por ordem de importância, os principais motivos que estão na origem do envolvimento das PME em actividades socialmente responsáveis são:

- Razões éticas
- Relacionamento com a comunidade
- Fidelização do cliente
- Relacionamento com parceiros comerciais
- Bem-estar dos trabalhadores
- Desempenho económico
- Código de conduta
- Pressões exteriores

(Fonte: 4)

Quadro 3: Principais benefícios decorrentes do envolvimento da empresa em actividades socialmente responsáveis de dimensão externa, por classe dimensional (percentagem de empresas)

| Variáveis | Dimensão da empresa | | | |
|--|---------------------|-------|--------|-------|
| | 0-9 | 10-49 | 50-249 | Total |
| Melhoria nas relações com a comunidade/autoridades públicas | 28 | 30 | 31 | 28 |
| Maior fidelização do cliente | 35 | 41 | 36 | 35 |
| Melhoria nas relações com os parceiros comerciais e investidores | 15 | 22 | 26 | 16 |
| Melhoria do bem-estar dos trabalhadores | 17 | 19 | 26 | 18 |
| Melhor desempenho económico | 15 | 15 | 18 | 15 |
| Outras vantagens | 7 | 4 | 3 | 7 |
| Não existem benefícios perceptíveis | 28 | 22 | 24 | 27 |
| Não sabe/Não responde | 1 | 3 | 3 | 2 |

Possibilidade de mais do que uma resposta.

Dados referentes a PME envolvidas em actividades socialmente responsáveis.

Fonte: ENSR Enterprise Survey 2001.

Existem diferenças entre o Norte e o Sul

Se considerada uma análise por países, pode ser observada uma divisão Norte-Sul: no Norte (Finlândia, Dinamarca, Islândia e Noruega), a percentagem de PME envolvidas em actividades socialmente responsáveis de dimensão externa é

maior do que nos países da Europa central (i.e. Áustria e Listenstaine). Na maior parte dos países do Sul (Espanha, Itália e Grécia), bem como em França e Reino Unido, estas práticas são menos comuns entre as PME. As razões que podem estar subjacentes a estas diferenças de comportamento têm a ver com tradições culturais, com diferentes expectativas dos cidadãos relativamente ao

Documentação de base

O Observatório das PME Europeias

Um dos principais requisitos para o desenvolvimento de uma economia baseada no conhecimento dinâmica e competitiva é a disponibilização de informação aos principais interessados: decisores políticos, investigadores, economistas e empresas, incluindo as PME. Em Dezembro de 1992, a DG Empresa da Comissão Europeia lançou o Observatório das PME Europeias, tendo em vista a melhoria do processo de monitorização do desempenho económico das PME na Europa e a provisão de informação a todos os agentes interessados de toda a Europa.

Os relatórios do Observatório fornecem uma visão geral da situação actual das PME na Europa, através da apresentação de estatísticas como o número de empresas, emprego total e produção, por classe dimensional de empresas. Além disso, os relatórios cobrem ainda uma diversidade de questões temáticas. Actualmente, estes temas são seleccionados tendo por base o Programa Pluri-Anual 2001-2005.

A investigação no âmbito dos relatórios do Observatório é desenvolvida, por solicitação da Direcção-Geral Empresa da Comissão Europeia, pela ENSR, a rede europeia para o estudo das PME, coordenada pela EIM Business & Policy Research (Holanda), em consórcio liderado pela KPMG Special Services (Holanda).

Os resultados baseiam-se fundamentalmente em projectos de investigação de carácter nacional ou internacional, comparados e analisados com recurso a modelos econométricos e a previsão, entrevistas de fundo e inquéritos anuais levados a cabo junto de mais de 7 600 PME na Europa (The ENSR Survey on SMEs).

A rede europeia para o estudo das PME (ENSR) é uma parceria de institutos especializados no estudo das PME. Os estudos efectuados pela rede, tanto de carácter qualitativo como quantitativo, abrangem os níveis macro, meso, sectorial e micro, bem como as questões de gestão interna das

empresas de menor dimensão. Para mais informação: info@eim.nl

No âmbito do Observatório, foram publicados os seguintes relatórios em 2002:

1. Destaques do Inquérito 2001
2. As PME na Europa, incluindo um primeiro olhar sobre os países candidatos
3. Clusters regionais na Europa
4. As PME europeias e a responsabilidade social e ambiental
5. A demografia das empresas na Europa
6. As PME altamente tecnológicas na Europa
7. Contratação de trabalhadores: os encargos administrativos das PME na Europa
8. Destaques do Inquérito 2002

Os relatórios estão disponíveis em versão integral e podem ser encomendados no *site* da Comissão Europeia.

(<http://www.europa.eu.int/comm/enterprise>)

Anteriores Relatórios do Observatório

No período 1992-1999 seis relatórios do Observatório Europeu das PME foram publicados (volumes com 360 a 480 páginas, cada). Cada relatório fornece uma visão global da estrutura e dos mais recentes desenvolvimentos das PME, debruçando-se com mais algum detalhe sobre algumas áreas específicas.

O relatório publicado em Julho de 2000 (6º Relatório do Observatório) centrou-se, por exemplo, nos mercados de bens e serviços, nas questões do mercado de trabalho, no acesso, quer ao financiamento quer aos programas comunitários, no comércio electrónico e na análise das associações e fundações na economia social. O relatório continha ainda estudos de fundo sobre a formação profissional nas PME e novos serviços.

O 6º Relatório do Observatório está publicado em inglês, francês e alemão. Não vão ser feitas novas tiragens do relatório, mas encontra-se ainda disponível um número limitado de cópias do mesmo. Caso esteja interessado, envie o seu pedido para: ENTR-COMPETIT-BENCHMARKG@cec.eu.int

Os primeiros cinco relatórios anuais ainda se encontram disponíveis, podendo ser encomendados junto da: EIM Business & Policy Research, PO Box 7001, 2701 AA Zoetermeer, The Netherlands. Telefone: + 31 (0) 79 3413634, Fax: + 31 (0) 79 3415024, E-mail: info@eim.nl

Para mais informações acerca das actividades desenvolvidas pela DG Empresa, consulte o site da Comissão Europeia: <http://europa.eu.int/comm/dgs/enterprise>. Para mais informações acerca do Observatório das PME Europeias, incluindo como aceder ou proceder à encomenda dos relatórios, consulte: http://europa.eu.int/comm/enterprise/enterprise_policy/analysis/observatory.htm. Pode encontrar também neste endereço informação sobre os anteriores relatórios do Observatório.

